

Texto original:

GILMORE, R. W.; KILGORE, J. The Case for Abolition. The Marshall Project. Disponível em: <<https://www.themarshallproject.org/2019/06/19/the-case-for-abolition>>.

Tradução autorizada por Ruth Wilson Gilmore e James Kilgore.

Traduzido por Amós Caldeira.

Data de publicação: 08 nov. 2021.

Em defesa da abolição Ruth Wilson Gilmore e James Kilgore

Nossa convicção na abolição é acima de tudo filosófica. É uma convicção que cresceu a partir da observação, experiência e oposição a décadas de dependência em jaulas de concreto e aço como soluções universais para problemas sociais. Queremos uma sociedade que priorize liberdade e justiça em vez de lucro e punição.

Prender as pessoas não fornece habitação adequada, tratamento de saúde mental apropriado ou empregos bem assalariados, bem como não nos deixa seguro de nenhuma outra forma. Além disso, reformas que incluam o monitoramento eletrônico ou outras formas de e-encarceramento [*e-carceration*], a construção de cadeias gênero-responsivas ou que aumentem o escopo da liberdade condicional e outras formas de controle carcerário apenas aprofundam nossa convicção de que a mudança é o único caminho.

Embora valorizemos a filosofia, nós também estamos cansados de debates repetitivos sobre a viabilidade de um mundo sem prisões e se

gostaríamos de abolir as prisões para pessoas como Dylan Roof¹. Nós preferimos falar sobre o que fazemos.

Fundamentalmente, a abolição é um programa prático de mudança fundamentado em como as pessoas mantêm e melhoram suas vidas, reunindo ideias e estratégias a partir de diferentes lutas que se conectam. Nós sabemos que não vamos destruir as prisões e cadeias amanhã, mas enquanto elas forem apresentadas como a solução, todas as desigualdades abordadas como crime e com punição vão persistir. Nós chegamos para ficar.

Os reformistas reivindicam conhecer o que “o público” aceitará, como se este fosse uma entidade singular que já fez a sua cabeça sobre tudo. Mas as pessoas frequentemente expandem seus compromissos porque elas aprendem sobre, e conectam-se a, lutas previamente desconhecidas. Estas pessoas não são o público que os especialistas invocam, mas um público disposto a buscar políticas e planos para alcançar seus objetivos.

Em outras palavras, um público é feito. Como sabemos? Experiência.

Para forjar tal público, os abolicionistas têm feito por décadas tudo que se possa imaginar para trazer mudanças. Estamos na linha de frente das lutas contra todas as formas de violência estatal.

Nós trabalhamos com comunidades selecionadas para construção de prisões a fim de combater a expansão prisional, ao mesmo tempo que fazemos trabalho de organização para garantir salários e habitações decentes na economia regional. Trabalhamos com pequenos

¹ Nota do Tradutor (NT): Dylan Roof, um supremacista branco estadunidense, foi responsável pelo massacre ocorrido dia 17 de junho de 2015 em uma igreja de uma comunidade negra na cidade de Charleston, EUA. Dylan Roof matou 9 pessoas negras no massacre.

Em defesa da abolição

fazendeiros republicanos preocupados com os lençóis freáticos, e com trabalhadores do campo sem documentação vulneráveis aos pesticidas e aos serviços de imigração. Nós trabalhamos com autoridades municipais e residentes de cidades com prisões desapontados com as promessas de desenvolvimento econômico que nunca são cumpridas.

Nós documentamos a degradação cultural e ambiental resultante das cidades com pessoas encarceradas, escrevemos manuais e aconselhamos especialistas em desenvolvimento rural e regional sobre projetos alternativos. Trabalhamos com sindicatos em estratégias para desenvolver objetivos de longo prazo para proteção de trabalhos, justiça ambiental e crescimento de membros – especialmente porque metade da força de trabalho estadunidense possui algum registro de criminalização que torna o trabalho inseguro e reduz o salário.

Fomos levados a escrever este texto depois da leitura do ensaio de Bill Keller no “The Marshall Project”, “[What Abolitionists Really Want?](#)” [O que os abolicionistas realmente querem?]. Achamos problemáticos muitos de seus argumentos e sentimos que, ao não mencionar abolicionistas, ele ecoou precedentes históricos de pessoas brancas perguntando o que as pessoas negras querem. Mas ele acertou uma coisa: a abolição está crescendo, algo que ele não consegue entender.

A abolição cresce porque nossas energias organizativas derivam de infraestruturas locais e internacionais de assistência mútua como clubes, organizações políticas, comunidades de fé, sindicatos e associações de bairros, de longos ciclos prévios de trabalho de organização e desejos generalizados por maior participação democrática. Nossas fileiras cada vez mais incluem aqueles diretamente afetados pelo encarceramento e todas as formas de violência e trauma.

Nosso trabalho prospera porque reconhecemos que reformas têm assumido novas formas problemáticas. De Nova Iorque a Los Angeles,

e por todo Estados Unidos rural, a expansão prisional ocorre continuamente principalmente porque as agências de segurança pública vêm absorvendo o trabalho da segurança social – saúde física e mental, educação, união familiar. Imaginar um mundo sem prisões e cadeias é imaginar um mundo em que o bem-estar social seja um direito, não um luxo.

Toda delegação estadunidense que vai à Escandinávia para estudar as prisões retornam declarando que viram um futuro que na verdade eles não observaram. Como especialistas da justiça criminal, eles pensam que podem isolar um sistema prisional de seu contexto: impostos, habitação, serviços de saúde, educação, transporte, imigração e outras políticas. Todos que dizem que exigir mais é algo irrealista ignoram o fato de que a utilização das agências de segurança pública, como faz os Estados Unidos, para administrar as consequências dos cortes em serviços sociais e o rápido aumento da concentração de riquezas é extremamente custoso, ao passo que barateia a vida humana.

Abolicionistas têm trazido para a luta contra o que veio a ser chamado de “encarceramento em massa” um conjunto de experiências em que aprendemos como lutar em várias frentes ao mesmo tempo: como organizar, promover ideias e negociar na arena política. Em outras palavras, nós trabalhamos a inteira ecologia da existência precária que molda o crescente “sistema de justiça criminal”, mas não está limitada por ele, o que inclui habitação, emprego, educação, salário, fé, ambiente, status. Longe de sermos idealistas ingênuos, nós somos especialistas no exigente, deliberado, paciente e persistente trabalho necessário para alcançar o que queremos – liberdade e justiça.